

# JOGOS DE ALEGAÇÃO DE VERDADE NA LITERATURA MARGINAL DE FERRÉZ.

Rhegysmere Myrian Rondon Alves (UFMT)<sup>1</sup>

**Resumo:** Com o enfoque teórico sobre autobiografia e escrita de si será objeto de análise nesta comunicação o processo de leitura e escrita nas narrativas compostas pelo escritor brasileiro Reginaldo Ferreira da Silva – Ferréz (1975 -), mais especificamente o que se tem na leitura do romance *Manual prático do ódio* (2003) e do conto *Pensamentos de um correria* (2007). Por meio das noções de autobiografia e espaço autobiográfico, pensaremos na existência de características que nas prosas do autor possibilitam a construção de um pacto de leitura autobiográfica. No ponto em que se insere este pacto através de uma escrita que se quer próxima à realidade narrada, importante será pensar o que se permite a partir desse jogo e desse distanciamento da vida do escritor.

**Palavras-chave:** Escrita autobiográfica; Narrativa contemporânea; Pacto de leitura

## Introdução

O início de nossas indagações para uma leitura da narrativa composta por Ferréz<sup>2</sup> no livro *Manual prático do ódio* (2003) retomam um compromisso com questionamentos que parecem importantes para o entendimento e mesmo a caracterização de suas obras no campo de uma literatura marginal. Na década de 90 começa-se a ver crescer no Brasil vários grupos e artistas em torno da periferia.

Comunga-se da ideia de que, as narrativas na literatura marginal assim como ocorre com certas narrativas do cinema nacional<sup>3</sup> nos últimos anos, vêm indicar o reconhecimento da importância das periferias como parte integrante da cultura e da identidade nacional. São exemplos dignos de nota alguns filmes com vocação narrativa semelhante a da literatura marginal que ganharam certa repercussão tanto em âmbito nacional quanto estrangeiro: *Cidade de Deus* (2002), *Cidade dos Homens* (2007),

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia (UNIC), Mestra em Estudos de Linguagem (UFMT). Contato: rhegys\_alves@hotmail.com. Artigo produzido com o apoio financeiro da CAPES.

<sup>2</sup> Pseudônimo (tal como os rappers brasileiros) que remete a dois líderes populares já que é um híbrido de “ferre”, em homenagem a Virgulino Ferreira da Silva (o Lampião), cujo sobrenome não deixa de estar contido, pois seu nome de registro é Reginaldo Ferreira da Silva, e o “z”, em referência à Zumbi dos Palmares, conforme explica o próprio autor em seu blog: [http://ferrez.blogspot.com.br/2004\\_10\\_01\\_archive.html](http://ferrez.blogspot.com.br/2004_10_01_archive.html). Consulta feita também ao artigo de Lígia Gomes do Valle intitulado *A literatura marginal e a possibilidade de leitura autobiográfica: o espaço autobiográfico* (2013), onde a mesma trata da composição híbrida da denominação Ferréz.

<sup>3</sup> A esse respeito o estudioso João Cézar de Castro Rocha vai discutir no que designa *a dialética da marginalidade* uma forma de compreender a cultura brasileira contemporânea e o que tem surgido no âmbito das produções literárias e fílmicas. Para o estudioso, a *dialética da marginalidade* “pretende superar a desigualdade social mediante o confronto, em lugar da conciliação; através da exposição da violência, em lugar de seu ocultamento [...] a ‘dialética da marginalidade’ impõe-se mediante a exploração e mesmo a exposição metódica da violência, a fim de explicitar o dilema da sociedade brasileira” (2007, p. 23).

*Redentor* (2004), *Tropa de elite* (2007). Com a temática da periferia urbana brasileira, as prosas de Ferréz e de tantos outros escritores contemporâneos voltam o olhar de sua recepção aos aspectos extraliterários e paratextuais presentes em torno dessas obras.

Rejane Pivetta de Oliveira em *De Coetze à Ferréz: lições de humanismo e realismo* (2009) considera que a violência e a marginalidade estarão na base dessa escrita contemporânea. E que o autor dessa escrita não será aquele que escreve sobre a periferia e sim aquele que escreve sob a condição periférica. O que teremos a partir disso, completa a autora, não seria o significativo aumento do grau de fidelidade com que a realidade é configurada na obra, “mas o tipo de envolvimento que o narrador manifesta com os fatos e personagens que compõem o universo das narrativas” (OLIVEIRA, 2009, p.06).

Para Pivetta, de maneira orgânica os escritores da periferia articulam o seu fazer literário com a própria experiência de viver no espaço periférico. A literatura já não forneceria por este curso apenas um *repertório de técnicas literárias*, pois é tornada agora como uma ferramenta para a organização da vida individual e coletiva, uma *estratégia de ação*, o que ultrapassa a concepção estabelecida de literatura como bem espiritual, fonte de *ilustração* e prazer desinteressado. Uma produção com repercussões para além do campo estético “pois a literatura é tomada também como um modo de habitar a periferia, o que certamente acrescenta novas perspectivas no campo das investigações literárias” (OLIVEIRA, 2011, p.35).

E se o cenário que ora se apresenta a esta *escrita marginal* põe em evidência construções que desejam também provocar *efeitos de real*, no sentido que Roland Barthes (2004) confere à expressão, com certa ênfase ao excesso de *realismo*, cabe para melhor entendimento, pensar em que tipo de *realismo* se trata nessa escrita, evocando daí também a caracterização de Schøllhammer sobre um novo tipo de realismo que não se pretende mimético nem propriamente representativo. Segundo o crítico, essa nova escrita pretende reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que

lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria. Aqui, os efeitos de ‘presença’ se aliam a um sentido específico de experiência, uma eficiência estética buscada numa linguagem e num estilo mais enfáticos e nos efeitos contundentes de diversas técnicas não representativas de apropriação dessa realidade. O uso das formas breves, a adaptação de uma linguagem curta e fragmentária e o namoro com a crônica são algumas expressões da urgência de falar sobre e com o ‘real’ (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 14-15).

Considerando as proposições de Schøllhammer sobre a reinvenção das formas do realismo literário, devemos pensar nesse novo realismo *impresso* pela literatura marginal. No cenário atual de escrita marginal, a periferia não é mais apenas *retrato* e objeto de escrita, e o que passa a ser foco de análise é o próprio excluído que se faz sujeito do processo simbólico<sup>4</sup>. E, sendo a literatura marginal e a escrita de Ferréz, ambos participes de produções ficcionais, importa compreender que a ficção assim proposta, conterà elementos do real, mas, não se esgotará em sua descrição.

### **1- A trajetória literária de Ferréz e a construção de um pacto de leitura nas suas obras**

Ferréz é escritor, morador de Capão Redondo, zona sul de São Paulo. O autor se autodenomina pertencente à literatura marginal, entendendo-se esta literatura uma vertente artística em ascensão nas duas últimas décadas, cuja característica predominante é a ficcionalização do ambiente das periferias urbanas.

O escritor inicia sua trajetória com o meio artístico em 1997 quando lança o livro de poemas influenciados pela poesia concreta *Fortaleza da desilusão*. Funda dois anos depois o grupo *1DaSul* (marca de roupas produzidas no bairro onde vive), interessado em promover eventos e ações culturais na região do Capão Redondo. Funda também a ONG *Interferência* que atua no Capão Redondo. Estreia na prosa de ficção em 2000 com o romance *Capão pecado*, em referência ao bairro paulistano, que tem no dia a dia da periferia seu tema principal. Em 2003, lança seu segundo romance, *Manual prático do ódio*, em que aperfeiçoa suas habilidades narrativas. Cria, organiza e edita a revista *Literatura marginal*, que dá origem à antologia *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, lançada em 2005. Nesse ano publica os livros infantis *Amanhecer esmeralda* e *O pote mágico*. Logo depois lança o livro de contos *Ninguém é inocente em São Paulo*, com seis contos transformados em curtas-metragens e uma animação. De 2001 a 2010, atua como cronista na revista *Caros Amigos* e publica, em 2009, *Cronista de um tempo ruim*. No mesmo ano lança o documentário *Literatura e resistência*, que conta os últimos 11 anos de sua história.

É possível verificar que em sua trajetória literária Ferréz,

---

<sup>4</sup> A ideia sobre o que se entendia de escrita e autor marginal nos anos 70 e na atualidade é discutida por Ana Cristina Coutinho Viegas em *Literatura e mimeses contemporâneas* (2006), trazendo o que se tem de referência na literatura sobre o uso da expressão marginal.

construiu uma identidade a partir da palavra escrita, inserindo-se no circuito cultural e editorial, seja pelas publicações ou pela participação em eventos culturais, literários, debatendo sobre literatura e outros temas, tanto no Brasil quanto no exterior (BRANDILEONE e OLIVEIRA, 2014, p.27).

A construção desta *identidade* do autor, discutida por pesquisadores como Brandileone e Oliveira, permite-nos verificar o que se tem produzido e desenhado como literatura marginal e o que muitos de seus idealizadores e ativos disseminadores – os *escritores marginais* – entendem como a marcha de resistência e subversão contra as mudanças advindas com o capitalismo e a globalização inscrevendo, no espaço da escrita seu engajamento literário. A busca do entendimento acerca do engajamento do escritor nessa perspectiva leva à constituição do espaço autobiográfico. Principalmente no que diz respeito à construção dessa escrita que parece jogar com a percepção do que seja

o intra e o extraliterário para construir representações simbólicas que fornecem aos textos uma marca singular consubstanciada no local de enunciação (VALLE, 2013, p.02).

A partir dessas discussões pode-se pensar de que forma a produção literária brasileira tem adquirido novas características com temáticas do marginal e do periférico.

## **2- O pacto autobiográfico em Ferréz**

É com a noção de autobiográfico que perscrutamos pela leitura do romance *Manual prático do ódio* (2003) e do conto *Pensamentos de um correria* (2007), como sustentadores de uma certa imagem do autor (o referido romance, o segundo de sua carreira, a partir deste momento em todo texto será identificado com as siglas MPO).

São de importância para este intento não só o estudo dos elementos presentes nas escolhas narrativas, mas também dos elementos extraliterários de referencialidade, na performance do autor em entrevistas e depoimentos, nas informações presentes na capa e contracapa do romance e naquilo que as várias produções do autor têm apresentado em torno de um projeto mais amplo de *literatura marginal*.

A começar pelas informações que temos lendo a orelha e a contracapa do livro MPO (utilizaremos aqui a obra editada pela Editora Planeta em 2014), a princípio pode-se supor que a obra trata de experiências reais vividas pelo autor, apesar de não se ter a afirmação precisa dessa identidade. Como se pode ver pelos excertos que se seguem:

[...] Um romance assumidamente inspirado em vidas reais, histórias de ódio e de suas consequências. No mesmo ritmo veloz e alucinante da cidade grande, *Manual prático do ódio* é um livro original que nos faz sentir na pele a realidade dos becos e vielas da periferia de São Paulo. (MPO, 2014, s\p)

[...] Escrito por quem conhece de perto os personagens e o ambiente em que eles circulam, o romance deixa claro que o autor fala do ponto de vista do sujeito pobre, formado pela cultura de massas e, embora não compactue com o rancor social manifestado por seus personagens, tenta ao menos compreendê-lo (MPO, 2014, s\p).

Parece-nos, ao ler o livro, que como leitores somos levados a ter uma ideia da pessoa do autor, neste sentido, corroborando com as observações presentes no artigo *Variações do espaço autobiográfico: o caso de Yukio Mishima* (2009) acerca do pacto fantasmático tal como formulado por Lejeune:

Se o leitor é convidado a ler um romance como um fantasma revelador do indivíduo, Lejeune chamará a isso de um pacto fantasmático. O pacto fantasmático funda-se em uma série de semelhanças que levam o leitor a supor uma identidade que não é afirmada explicitamente. Antes, pelo contrário, o romance – como texto ficcional – se auto-indica na sua ficcionalidade, estabelecendo assim um pacto romanesco, por oposição ao pacto referencial (LEE, 2009, p.153).

O estudo da autobiografia proposto por Lejeune não nos serve para definir o romance ora estudado como autobiográfico mas, antes, para demonstrar a existência de um espaço autobiográfico na obra. Para Lejeune entre a autobiografia (cujo compromisso tece-se referencial) e o romance autobiográfico, o essencial não seria o teor de verossimilhança entre um e outro, mas, antes, a relação que existe entre eles. Deste modo,

o que se torna revelador é o espaço no qual se inscrevem as duas categorias de texto e que não é redutível a nenhuma das duas. O efeito de relevo obtido por esse procedimento é a criação pelo leitor de um espaço autobiográfico<sup>5</sup> (LEJEUNE, 1975, p.42, tradução nossa).

---

<sup>5</sup> [LEJEUNE](#). *Le pacte autobiographique* (1975, p. 42). “[...] Ce qui devient revelateur, c'est l'espace dans lequel s'inscrivent les deux categories de textes, et qui n'est reductible a aucune des deux. Cet effet de relief obtenu par ce procede, c'est la creation, pour le lecteur, d'un « espace autobiographique”.

É de importância que nos perguntemos como o espaço autobiográfico se vislumbra através de jogos de alegação de realidade contidos em certas obras romanescas, independentemente da existência de uma autobiografia strictu senso, tal como defendida por Lejeune.

Valle em *A literatura marginal e a possibilidade de leitura autobiográfica: o espaço autobiográfico* (2013) coloca que o tom testemunhal e de denúncia das narrativas nessa literatura designada marginal tenciona-nos para uma leitura determinada a encontrar verdades relacionadas com o que se espera de uma obra conseqüentemente dando margem para leituras autobiográficas. Parece-nos, a este respeito que, assim como pontua Valle, somos incitados na narrativa de MPO, a vislumbrar nas identidades de autor narrador e personagem, uma espécie de confluência para um mesmo sujeito, ou seja, o autor que se configura como narrador e como personagem, já que possui total conhecimento e autoridade sob o narrado por ser morador de periferia assim como seus personagens.

### **3- Jogos de alegação da realidade e a transgressão do ato ficcional em Ferréz**

A respeito de sua escrita e de sua autodenominação como pertencente ao movimento literatura marginal, Ferréz em entrevista à Ingrid Hapke no *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, diz:

[...] já moro dentro do tema, sou o tema, respiro o tema, os amigos são o tema, [...] Nosso tema está ligado a muito sofrimento. Falar de nós, falar de luta na periferia está ligado a muito sofrimento. Não é fácil tocar nisso [...] Na verdade, morar aqui já é pesado demais. Você está vivendo aqui, o assunto te pega e regurgita em seu trabalho [...] Na literatura marginal, o texto é influenciado diretamente pelo lugar onde você mora. O Gaspar tem a linguagem da quebrada dele. O Brown a dele, o Crônica a dele, todos os caras. O Itaim está 100% ligado com a literatura do Buzo. Sacolinha está ligado com Suzano e eu com o Capão. Não tem como desconectar. A gente até tenta, mas é difícil (FERRÉZ, 2011, s/p).

A busca por esses jogos de alegação de realidade, nas obras de Ferréz, parece enveredar-nos naquilo que o autor defende como um projeto de literatura marginal e, embora nos seja perigoso categorizar sua escrita em torno de um *projeto autobiográfico*, através do que se *define e defende* literatura marginal, percorremos sua escrita num caminho que parece admitir certa transgressão aos limites da ficção, transgressão esta que

se inicia pelo seu intento e visão de literatura muitas vezes expressos em suas obras com a noção de engajamento literário.

É o que podemos notar se recordamos a repercussão obtida quando da publicação do texto *Pensamentos de um correria* (2007) por Ferréz no jornal Folha de São Paulo. A cena é um assalto sob a ótica do assaltante. O personagem principal é apresentado por um narrador que, onisciente detalha seus pensamentos sobre a cena do assalto, seus motivos, sua realidade.

A hora estava se aproximando, tinha um braço ali vacilando. Se perguntava como alguém pode usar no braço algo que dá pra comprar várias casas na sua quebrada. Tantas pessoas que conheceu que trabalharam a vida inteira sendo babá de meninos mimados, fazendo a comida deles, cuidando da segurança e limpeza deles e, no final, ficaram velhas, morreram e nunca puderam fazer o mesmo por seus filhos! Estava decidido, iria vender o relógio e ficaria de boa talvez por alguns meses. O cara pra quem venderia poderia usar o relógio e se sentir como o apresentador feliz que sempre está cercado de mulheres seminuas em seu programa. Se o assalto não desse certo, talvez cadeira de rodas, prisão ou caixão, não teria como recorrer ao seguro nem teria segunda chance. O correria decidiu agir. Passou, parou, intimou, levou (FERRÉZ, 2007, s/p).

Uma semana antes, na mesma coluna desse jornal em que fora publicado o texto de Ferréz, o apresentador de TV Luciano Huck conta num texto intitulado *Pensamentos quase póstumos* (2007) como foi a experiência de ter sido assaltado e perder para os assaltantes seu relógio rolex. Apesar de narrar um fato alegadamente real, Huck é o primeiro a nos convidar a um exercício do pacto ficcional ao iniciar seu texto com uma especulação sobre como seria noticiada sua morte e as consequências dela:

LUCIANO HUCK foi assassinado. Manchete do “Jornal Nacional” de ontem. E eu, algumas páginas à frente neste diário, provavelmente no caderno policial. E, quem sabe, uma homenagem póstuma no caderno de cultura.

Não veria meu segundo filho. Deixaria órfã uma inocente criança. Uma jovem viúva. Uma família destroçada. Uma multidão bastante triste. Um governador envergonhado. Um presidente em silêncio.

Por quê? Por causa de um relógio.

Como brasileiro, tenho até pena dos dois pobres coitados montados naquela moto com um par de capacetes velhos e um 38 bem carregado. Provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades. O que não justifica ficar tentando matar as pessoas em plena luz do dia. O lugar deles é na cadeia [...] (HUCK, 2007 s/p).

O texto de Ferréz poderia ser classificado como uma ficção considerando uma série de critérios tácitos que atribuímos aos textos ficcionais. Em primeiro lugar, o texto não cita nomes próprios, não se refere a um acontecimento específico. No entanto, as proximidades temporais e espaciais e uma série de jogos de alegação construídos por coincidências produziu nos leitores, para além da intenção do autor, que muito bem pode ter sido mesmo essa, a possibilidade de ler o texto de Ferréz como uma resposta direta ao texto de Huck. Este acontecimento envolvendo os dois textos é bastante revelador de como os regimes de recepção e leitura de um determinado texto, sobretudo daqueles que classificamos como *literatura*, encontra-se mediado por uma série de protocolos institucionais, torna-se ainda mais interessante o fato de que a instituição jurídica tenha sido evocada para mediar as possibilidades de leitura do texto de Ferréz.

O autor de *literatura marginal* teve que prestar contas com a lei sob a acusação de apologia ao crime com base no artigo 286 por causa de um texto ficcional, enquanto o texto de Huck passa sem ser interpelado pela instituição jurídica mesmo também podendo incorrer no mesmo erro daquele que acusa ao chamar, mesmo que ficcionalmente, pela presença do Capitão Nascimento, protagonista do filme *Tropa de Elite* (2007) cuja característica principal é a adoção de métodos como tortura e o desrespeito aos direitos humanos. Diante de uma tal acusação, Ferréz evocou a presença de uma série de outros *criminosos*:

Salve a todos.

Aos parceiros e parceiras que venho juntando nessa caminhada. Ontem foi o dia do meu depoimento na 77 delegacia pela acusação no artigo 286 (apologia ao crime) pelo texto: "pensamentos de um correria" feito para a folha de S. Paulo. Texto esse que expõe o pensamento de um assaltante.

O meu argumento no depoimento foi só um, que também eram culpados todos os escritores de ficção que li até hoje, como por exemplo Machado de Assis, Hesse, Gorki, Graciliano Ramos e etc.

Afinal fazer literatura é um crime que todos nós cometemos juntos (FERRÉZ, 2008, s/p).

Seu depoimento lembra a todos nós que se a literatura pode cometer algum crime, tal crime só pode ser concretizado por meio de um pacto com os leitores, daí que *a literatura seja um crime que todos nós cometemos juntos*. Talvez a vocação da *literatura marginal* seja a de dar visibilidade às narrativas que são colocadas às margens de nossas instituições sociais, neste caso, nossas instituições jurídicas. E ao efetuar tal movimento

a *Literatura marginal* não faz mais que cumprir a sina da literatura de ser uma estranha instituição que transgride sua própria institucionalidade (DERRIDA, 2014).

### **Considerações Finais**

Como expressão cultural dos subalternos, a ficção de Ferréz está “dotada de uma linguagem própria que proporciona aos seus escritores a possibilidade de representar, exaltar e denunciar a realidade de seu mundo” (SILVEIRA, 2005, p.33).

Muitas vezes na narrativa de MPO o contexto da periferia de São Paulo sobrepõe-se ao modo de vida de cada personagem, expondo dificuldades e condições precárias de sobrevivência de caráter coletivo. E o romance que se presta à representação do destino individual, como pontuam Brandileone e Oliveira, “em Ferréz acaba por trazer à tona uma representação coletiva ao tratar não do destino de um herói, mas sim de toda uma comunidade, a exemplo das epopeias” (2014, p. 28).

Ambientada na periferia urbana, a narrativa de Ferréz e, de certa forma, a literatura marginal partem da noção de opressores e oprimidos sociais para falar do processo de desumanização como possibilidade dentro de uma realidade histórica. Isso é o que direciona o movimento marginal na busca pela identidade negada, a luta por dar voz à periferia urbana. Nesse intento de dar voz à periferia, *nasce* o engajamento do escritor, o que ele *pretende dizer* com sua escrita e a possibilidade do espaço autobiográfico composto pelo leitor. Pode-se dizer que o *rótulo* literário marcado por aquele que pode falar sobre a periferia porque nela vive, permite o estreitamento das fronteiras entre ficção e realidade. E a estética de cunho realista e o tom testemunhal por sua vez, acabam por condicionar nossos olhares sobre o texto. Também nos condiciona quando o autor em entrevistas dá-nos suas percepções sobre sua escrita. É o que se pode supor quando de sua entrevista à Revista Época em fevereiro de 2014 na qual declara a respeito de MPO que o último amigo seu, que era personagem do livro, tinha morrido havia um ano.

Assim como pontua Valle (2013, p.06), somos levados a estabelecer um espaço de abertura para uma leitura autobiográfica ou de caráter testemunhal a partir de elementos como o discurso construído referenciando o lugar, o retrato das condições de vida e as histórias dos moradores como fundo didático, a volta do passado histórico da constituição do lugar para identificar-se com questões de lutas sociais e raciais para conscientizar o leitor, os elementos da obra, a escolha narrativa, as características dos personagens e os elementos extraliterários.

MPO é apresentado por Ferréz já em sua primeira página, com a seguinte informação, contextualizada ao que parece, na sua própria experiência. Aproxima-nos assim, o autor, da ideia da ficção que se apresenta como próxima às suas experiências pessoais.

Aos que conspiraram e torceram pela minha queda, nada mais justo que apresentar a terceira lâmina. *O Manual prático do ódio* está aí, fortificando a derrota dos que atentaram contra mim e os meus (MPO, 2014, s\p).

Mas se o que importa é a construção do espaço do leitor, nosso direcionamento na leitura de MPO deverá nos fazer transcender a ideia formal de gênero autobiográfico, para colocar-nos expostos à abertura do jogo de textos. Pois que a autobiografia presentifica a ambiguidade de seu discurso ficcional e lança mão dos discursos que se pretendem verdadeiros. E então o que *resta* a partir do texto é o espaço de produção e um movimento do leitor, um espaço autobiográfico ao qual Ferréz parece almejar quando diz: “escrevo para mostrar alguma coisa, para provocar alguma coisa, nem que seja um sorriso, que sejam lágrimas, que seja algum sentimento” (FERRÉZ, 2011, s\p). E a ficção que se vê por mais que se pareça próxima à realidade será sempre incapaz de contar a verdade. Pois assim como defende Eagleton em *Depois da teoria* (2005) pensamos ser sucintamente o que define o escritor:

Romancistas e contistas são como o menino que brincava de gritar por socorro: estão condenados a ser perpetuamente desacreditados. Você poderia pôr a declaração numa nota de rodapé e assiná-la com suas iniciais e a data, mas isso não a faria passar da ficção para o fato. O subtítulo ‘Um romance’ é suficiente para garantir isso [...] Mesmo que um romance traga fatos concretos, não se torna, de alguma forma, mais verdadeiro. Novamente, o fato de sabermos ser isso um romance garante que não examinemos tais declarações pelo seu valor de verdade [...] (EAGLETON, 2005, p.130).

O entendimento dos textos que se pense autobiográficos aqui entrarão, como ficção, num emaranhado de componentes fictícios que não têm o caráter de uma finalidade em si mesma e, como pontua Iser, “enquanto fingida será a preparação de um imaginário” (1996, p.13).

## Referências

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. In: *Navegações*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 23-30, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/14250/11958>> Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014. 118p.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria – um olhar sobre os estudos culturais e o pósmodernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 130)

FERRÉZ. *Manual prático do ódio*. São Paulo: Objetiva, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pensamentos de um correria*. In: *Jornal Folha de São Paulo*. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2007/10/336145-opiniao-pensamentos-de-um-correria.shtml>> Acesso em: 12 de maio de 2016.

\_\_\_\_\_. *Processo acatado*. 2008. Disponível em: <<http://ferrez.blogspot.com.br/2008/06/processo-acatado.html>> Disponível em: 12 de maio de 2016.

\_\_\_\_\_. *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea 4*. UFRJ. Editora Torre. 2011. Disponível em: <<http://www.forumlitbras.letras.ufrj.br/joomla/PDF/PDF4ed/ferrez.pdf>> Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

\_\_\_\_\_. *Manual prático do ódio*. 1. Ed. São Paulo: Planeta, 2014. 272 p.

HUCK, Luciano. *Pensamentos quase póstumos*. In: *Jornal Folha de São Paulo*. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0110200708.htm>> Acesso em: 12 de maio de 2016.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário – perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

[LEE, Henrique de Oliveira](#). *Variações do espaço autobiográfico: o caso de Yukio Mishima*. In: *Literatura em Debate*, v. 4, n.º. 5, p. 152-169, jul.-dez., 2009.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta. *De Coetze à Ferréz: lições de humanismo e realismo*. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas Dossiê: narrativa e realismo. PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 05 N. 01 – jan/jun 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/9759/5786>> Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

\_\_\_\_\_. *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*. In: *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.15, n.º.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011.

[ROCHA, João César de Castro](#). *A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a "dialética da marginalidade"*. In: *Revista Programa de Pós-Graduação em Letras*. UFSM. N.32, p.23-70. 2007.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

[SILVEIRA, Eliane Pereira](#). *Manual prático do ódio: a ficção de um subalterno*. In: *Ideias*. Revista do curso de letras. UFSM. 22 - Jul/Dez 2005.

VALLE, Lígia Gomes. *A Literatura Marginal e a possibilidade de leitura autobiográfica: o espaço autobiográfico*. In: *Darandina Revista eletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF – volume 6 – número 1*. 2013. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/darandina/files/2013/08/artigo\\_ligia.pdf](http://www.ufjf.br/darandina/files/2013/08/artigo_ligia.pdf)> Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

VIEGAS, Ana Cristina Coutinho. *Literatura e mimeses contemporâneas*. In: *Cadernos de Letras da UFF n.º 32 - Letras & Infovias*. 2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/32/artigo5.pdf>> Acesso em: 10 de janeiro de 2016.